

O RAP indígena dos Brô Mc's: a construção argumentativa da polêmica

The Brô Mc's indigenous RAP: the argumentative construction of polemics

Rubens Damasceno-Morais²⁵

<https://orcid.org/0000-0001-6245-6394>

Vanessa Martins Leão²⁶

<https://orcid.org/0000-0002-8486-5735>

Resumo: Neste artigo, diante de um exemplo da modalidade argumentativa polêmica (AMOSSY, 2017), e pela perspectiva da argumentação em contexto de interação (PLANTIN, 2008, 2011; GRÁCIO, 2013) mostramos, por meio de uma pesquisa de cunho qualitativo, as funcionalidades das desqualificações da tese adversária e da pessoa ou do grupo que representa o Oponente, bem como da impolidez verbal, materializada em palavrões, ironia e ameaças (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006; GRAHAM, HARDAKEKER, 2017; DECLERCQ, 2003). Para tanto, analisamos um comentário e algumas respostas a esse comentário, postados na mídia social *Youtube*, os quais dialogam com os discursos e os recursos semióticos que circulam pelo clipe de *Eju Orendive*, do grupo de rap de (re)existência indígena Brô MC's. A partir desses excertos, percebemos que, de um lado, aqueles que se posicionam contra a demarcação de terras indígenas, velando o racismo, e, do outro lado, os que defendem os direitos dos povos originários se debruçam sobre um debate polarizado e violento voltado não para um acordo, mas, sim, com a intenção de provocar a adesão de um Terceiro, segundo a perspectiva dialogal da argumentação (PLANTIN, 2016).

Palavras-chave: Polêmica; Rap Indígena; Resistência; Racismo.

Abstract: In the face of an example of the controversial argumentative modality (AMOSSY, 2017), and using the argumentation perspective in the interaction context (PLANTIN, 2008, 2011; GRÁCIO, 2013), by means of a qualitative research, we show the disqualifications of the opposing thesis and the person or group that represents the Opponent, as well as verbal impoliteness, materialized in swearing, irony and threats functionalities (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006; GRAHAM and HARDAKEKER, 2017; DECLERCQ, 2003). Therefore, we analyze a comment and responses, posted on the *Youtube*, which dialogue with the speeches and semiotic resources circulating in the videoclip *Eju Orendive*, by the indigenous rap group Brô MC's. From these excerpts, we realize that, on the one hand, those who stand against the demarcation of indigenous lands, guarding racism and, on the other hand, those who defend the rights of indigenous peoples focus on a polarized and violent debate aimed at for an agreement, but, with the intention of provoking the adhesion of an audience, according to the dialogical perspective of the argumentation (PLANTIN, 2016).

Keywords: Polemics; Indigenous Rap; Resistance ; Racism.

²⁵ Professor doutor e pesquisador da Universidade Federal de Goiás – UFG.

²⁶ Mestra em Estudos linguísticos pela Universidade Federal de Goiás – UFG.



Rap é compromisso. Não é viagem.
(Sabotage, 2000)

O *Brô MC's* é o primeiro grupo de *rap* indígena do Brasil. Seus integrantes são da etnia Guarani-Kaiowá e habitam as aldeias Jaguapirú e Bororó, localizadas na cidade de Dourados, oeste do Mato Grosso do Sul. O videoclipe do *rap Eju Orendive*²⁷, composição do grupo, postado no *YouTube*, mobilizou opiniões de internautas, que expressaram seus posicionamentos em comentários. Tais comentários trazem à tona discursos de dois grupos politicamente polarizados²⁸. De um lado, encontram-se os usuários identificados como de esquerda, que se alinham com as causas dos povos indígenas e, então, legitimam discursivamente a arte musical de (re)existência por eles produzida. Do outro lado, encontram-se aqueles denominados de direita, os quais, apoiando-se em estereótipos, materializam discursos racistas e, portanto, tomam o *rap* dos jovens de Dourados como apropriação e como perda de cultura. Diante desse cenário, este artigo se empenha em analisar as estratégias linguísticas e argumentativas que esses usuários utilizam para construir seus posicionamentos na plataforma virtual. Nesse sentido, busca-se responder aos seguintes questionamentos: como se constrói a modalidade argumentativa polêmica (a dicotomização, polarização e desqualificação), nos comentários dos internautas? Destaca-se, nesse contexto, alguma estratégia argumentativa na construção dos discursos e contradiscursos (im)polidos? Para tanto, utilizamos a teoria da argumentação do discurso, com foco na polêmica, de Amossy (2011, 2017), bem como os estudos sobre (im)polidez de Culpeper (2011) e Kerbrat-Orecchioni (2006) e a teoria dialogal da argumentação, com foco nos papéis de atuação de Plantin (2008, 2016) e Grácio (2013). Além disso, em função do viés interdisciplinar dessa pesquisa, utilizamos os apontamentos de Chang (2005) para falar sobre o *rap* e do decolonialista Quijano (2005) para falar sobre assuntos históricos que atravessam e constituem as identidades indígenas.

Charaudeau (2014) destaca que as mídias sociais são uma das principais esferas da atividade social, em que os discursos políticos vêm à tona. Ademais, Cabral e Lima (2017) afirmam que o advento e a massificação dessas plataformas provocaram mudanças comportamentais nas pessoas, sendo que uma dessas mudanças diz respeito ao modo de elas se organizarem em grupos, com usuários que possuem interesses em comum, e ao modo de enxergarem o outro, ou seja, de enxergarem aqueles que se posicionam de modo antagônico. Seguindo esse caminho, Cabral, Marqiesi e Seara (2015) apontam que esse contexto, que possibilita a livre participação em discussões bem como a criação de identidades, de perfis *fakes*, chancela às pessoas a exposição mais espontânea e, até mesmo, agressiva de suas opiniões. Assim, um vídeo de *rap* indígena, publicado no *Youtube*, com comentários abertos para todos os usuários, pode se converter em terreno fértil para a materialização de discursos polêmicos.

De acordo com Amossy (2017), a polêmica é um debate em torno de uma questão da atualidade, de interesse público, que comporta os anseios das sociedades mais ou menos importantes numa dada cultura. As marcas dessa *modalidade argumentativa*, de acordo com a autora, são: a dicotomização e a polarização. A dicotomização emerge quando posições antitéticas se constroem e se excluem mutuamente. A polarização, por sua vez, está interligada ao plano da estrutura actancial – adiante, explicado com apoio em Grácio (2013) –, que envolve a atuação do Proponente, do Oponente e do Terceiro. De acordo com Plantin (2008, 2016) são esses papéis que sustentam o debate que opõe duas posições dicotômicas.

²⁷ O videoclipe foi publicado em 28 de setembro de 2010, no *Youtube*, no canal Cufatvddos. Até a produção deste artigo, o vídeo trazia 416.452 visualizações e 889 comentários. O acesso foi em 30 de junho de 2020.

²⁸ Bobbio (1995) apresenta instigante estudos sobre as diferenças entre esquerda e direita.



Dessa forma, a polarização se compõe de um defensor da posição proposta (Proponente), de um opositor dessa posição (Opositor) e de um ouvinte-espectador da confrontação (Terceiro). Surge, então, um “nós” diante de um “eles” e, nessa relação, os procedimentos mais atenuados consistem em desqualificar a palavra do outro e, geralmente, em desqualificar a pessoa ou o grupo que ele representa, por meio da violência verbal e da manifestação das emoções (*pathos*).

Este estudo se divide, então, em cinco partes. A primeira, na qual desvelamos nossos objetivos iniciais. A segunda, em que falamos sobre a relação existente entre o *rap* e grupos identitários marginalizados (de forma breve, dado o espaço limitado de que dispomos neste artigo), tais como, os negros e os indígenas. Na terceira, por sua vez, nos empenhamos em mostrar os aspectos da modalidade argumentativa polêmica, a dicotomização, a polarização e a desqualificação, proposta por Amossy (2017), bem como apontamos como esse último aspecto, ou seja, a desqualificação, se desdobra em (im)polidez ou agressividade verbal, conforme Culpeper (2011). Na seção seguinte, apresentamos o *corpus* e empreendemos a análise dos dados mostrando como a polêmica se constrói em torno de um comentário e de respostas a esse comentário do vídeo *Eju Orendive*, dos *Brô MC's*. Por fim, tecemos nossas considerações finais relacionando-as com a nossa proposta inicial.

(Re)existir e lutar contra o racismo: a aliança entre o rap e grupos marginalizados

De acordo com Chang (2005), a cultura do *hip hop* nasceu no bairro do Bronx, em Nova Iorque, em meados da década de 1960, em meio a implantação de políticas recessivas que prejudicaram, principalmente, dois grupos marginalizados: os negros e os mestiços dos EUA. Diante desse cenário, emergiu o movimento *Zulu Nation*, encabeçado pelos *DJs* Afrika Bambaataa, Grandmaster Flash e Kool Herc, responsáveis por reunir jovens desses grupos identitários em torno de eventos de música, de dança e de artes visuais. Souza (2005) aponta que esse movimento resultou na cultura *hip hop*, composta pelo *rap* (sigla para *rhythm and poetry*), pelo *break* (dança) e pelo *grafite* (artes visuais). O *rap*, pela junção de um *MC* (mestre de cerimônias) e de um *DJ* (*disk jockey*), se constitui como um gênero poético-musical que, por meio de seus enunciados, traz à tona o cotidiano dos moradores das favelas e das periferias, denunciando as situações de desigualdade e de preconceito que lhes interpelam.

O *rap* emergiu no Brasil, na década de 1980, na cidade de São Paulo. Nesse período, São Paulo, de modo semelhante à Nova Iorque, era tomada por construções de moradias irregulares, habitadas, em maioria, pela população negra. Em meio a um contexto de pobreza e de abandono, os índices de criminalidade e as taxas de homicídio inflaram (SILVA, 2013). Diante desse cenário conturbado, em meados de 1980, o *rap* consciente emergiu a partir de nomes como Thaide e DJ Hum. No entanto, foi com o grupo Racionais MC's que o raio-X do Brasil veio à tona.

O primeiro grupo de *rap* indígena brasileiro, por sua vez, surgiu em 2009, quando os jovens Bruno Veron, Clemersom Batista, Kelvin Peixoto e Charlie Peixoto, da etnia Guarani-Kaiowá, se uniram para formar o Brô MC's. Seus versos denunciam o cotidiano das aldeias Jaguapirú e Bororó, localizadas na cidade de Dourados, oeste do Mato Grosso do Sul, onde a pobreza, a violência, os vícios e o preconceito atravessam seus moradores. De acordo com dados do *site* G1²⁹, em junho de 2019, as reservas indígenas de Dourados registraram em média um assassinato a cada dois dias e meio. A reportagem aponta ainda que, “segundo o

²⁹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2019/06/16/em-junho-reserva-indigena-de-dourados-registra-media-de-um-assassinato-a-cada-dois-dias-e-meio.ghtml>> Acesso em: 30 jun. 2020.

MPF, não somente essas reservas, mas também as comunidades indígenas do sul do estado estão vivenciando uma escalada sem precedentes nos índices de criminalidade, muito em função do consumo exagerado de drogas e álcool, ao passo em que o policiamento ostensivo e repressivo não acompanha esse cenário”.

A partir dessa exposição, é possível perceber que os contextos de gênese do *rap* estadunidense, brasileiro e indígena brasileiro apresentam entrecruzamentos. Nos três casos, o gênero poético-musical emergiu em periferias e favelas, espaços permeados por situações de pobreza e de violência. Ademais, entrecruzamentos, também, podem ser apontados entre as histórias dos grupos identitários que dão voz a esses versos, uma vez que a sociedade brasileira se ergueu com o sangue dos negros e dos indígenas. Desde a trajetória de colonização, indígenas e negros foram violentados, física e psicologicamente, sob a justificativa da civilização, da modernização e da salvação, uma vez que foram considerados selvagens, rudes e pagãos e deveriam, portanto, ser “domados”. Diante desse cenário, o racismo e a situação de pobreza, aos quais esses grupos são submetidos, desvelam-se como condições sócio-histórica e discursivamente construídas (QUIJANO, 2005; MOURA, 2004).

A modalidade de argumentação polêmica e os aspectos da (im)polidez linguística

Para embasar a análise do *corpus* em questão, uma vez que estamos diante de uma pesquisa qualitativa, seguimos a teoria da argumentação no discurso de Ruth Amossy (2011, 2017), com ênfase na modalidade polêmica. De acordo com a autora, a argumentação é tecida na materialidade linguística em uma situação concreta de comunicação. Desse modo, o locutor, projetando a imagem de seu alocutário e adequando-se às normas do gênero do discurso em questão, lança mão de recursos linguísticos e de estratégias discursivas a fim de tecer sua teia argumentativa. Nesse sentido, a autora destaca que “é na espessura da língua que se forma e se transmite a argumentação” (AMOSSY, 2011, p. 131-132), apontando que o discurso, com a intenção de persuadir, segue uma ou mais modalidades argumentativas. Dentre as possibilidades de estratégias argumentativas, a autora destaca: a modalidade demonstrativa, segundo a qual o locutor apresenta uma tese fundamentada, por meio de discurso monologal ou dialogal, a um auditório a fim de conquistar sua adesão; a modalidade negociada, em que os parceiros, com diferentes opiniões, se empenham para encontrar uma solução comum para o problema que lhes apetece; e a modalidade polêmica, caracterizada pela presença de participantes com posicionamentos antitéticos, em total desacordo, no qual um ataca a tese do outro e, até mesmo, a própria figura do outro a fim de provocar a adesão de um terceiro. No tocante à polêmica, a autora destaca ainda que, apesar de julgamentos precipitados que a ela atribuem valores negativos, para o analista do discurso, a polêmica se mostra “rica de ensinamentos na medida em que ela revela muitas coisas sobre a sociedade e a época na qual o discurso polêmico circula” (AMOSSY, 2017, p. 49). Isso acontece porque a modalidade polêmica gira em torno de temas atuais³⁰, que circulam pelo espaço público.

Amossy (2017, p. 49) afirma ainda que “a primeira marca da polêmica como debate da atualidade é uma oposição de discurso”, de modo que a existência de posicionamentos antitéticos é essencial para a emergência dessa modalidade argumentativa. Assim, de acordo com a autora, o que modaliza a polêmica é a atividade de materializar argumentos a favor de sua tese e contra a tese oposta, ou seja, diante desse cenário, cabe a ambas as partes da interação construir a fundamentação de suas proposições bem como a justificativa de suas contraposições. Nesse sentido, Amossy (2017), baseando-se em Marc Angenot, traz à tona a

³⁰ Vide trabalhos de Cabral e Lima (2018).

dupla estratégia que tangencia a polêmica que seria a demonstração da tese e a refutação e desqualificação da tese antagônica. A partir de então, Amossy afirma que a especificidade da polêmica dentro do campo da argumentação retórica é definida pela *dicotomização*, pela *polarização* e pela *desqualificação* e, de forma secundária, não obrigatória, pela *violência verbal* e pelo *pathos*.

A dicotomização, portanto, como aponta Dascal (2008), leva o debate a níveis extremos, uma vez que, nesse caso, as partes não se empenham em desenvolver um acordo, ou estabelecer um meio termo, para o problema em questão. Amossy (2017, p. 55) coloca, então, que a polêmica se diferencia das “interações argumentativas ordinárias porque ela tende sistematicamente para uma dicotomização que dificulta a busca de acordo entre as partes adversárias”. No caso deste trabalho, por exemplo, os participantes que apontam argumentos a favor dos direitos dos povos indígenas e os participantes que, embasados em estereótipos, argumentam a favor do desenvolvimento econômico do país, velando o racismo, não se empenham nessa discussão para balancear os posicionamentos, e, assim, ao final, atingir um consenso, pois, eles têm, aqui, objetivos outros.

Para melhor explicar o processo de polarização, Amossy (2017) propõe a diferenciação entre actantes e atores. Segundo Plantin (2008), os *atores* são os sujeitos concretos da enunciação e os *actantes*, por sua vez, estão interligados a modalidades discursivas específicas que envolvem um Proponente e um Oponente em face de um Terceiro. Esses papéis argumentativos, de acordo com o autor, se definem a partir de três atos: propor, opor-se e duvidar. Cabe, aqui, então ressaltar que o campo do Proponente se compõe de diferentes atores, de diferentes grupos sociais, ou seja, se compõe de diferentes vozes, e o mesmo se dá com o campo do Oponente; é a junção de participantes tão diversos que faz a polarização difícil de ser solucionada. Nesse sentido, Grácio (2013), retomando os pressupostos de Plantin, traz à tona a noção de *perspectivação* de pontos de vista, que se dá quando proponentes e oponentes verticalizam suas divergências em uma interação argumentativa. Tal verticalização é notória, por exemplo, em um ambiente virtual, em que uma polêmica se constitui. Isto posto, Amossy (2017, p. 56) destaca que “a divisão actancial entre adversários tomados numa relação antitética de tipo conflitual explica que a polêmica instaura uma operação de polarização”, ou seja, a polêmica instaura um “nós” diante de um “eles”.

Em outras palavras, em contextos polarizados, o Proponente para se autoafirmar, diante de um auditório (Terceiro), desqualifica seu Oponente, atribuindo-lhe valores negativos. Uma das estratégias utilizadas para tal consiste no ataque da palavra do outro, “seja pela reformulação orientada, seja pela ironia, seja pela modificação dos propósitos” (AMOSSY, 2017, p. 59). Além disso, outras estratégias utilizadas para desqualificação da pessoa dizem respeito ao silenciamento, à exclusão e, em casos extremos, à diabolização do outro. Declerq (2003, p. 18) assinala que a polêmica “nos confronta com essa força incontrolável que estimula a ter razão sobre o outro, a assegurar sua autoridade sobre ele, a submetê-lo, a eliminá-lo, se necessário”. Enquanto isso, a demonização, que divide os grupos entre o bem e o mal, resulta na reprovação total e na desumanização do adversário. A partir de então, é possível perceber que, para se posicionar de modo veemente, o locutor deixa transparecer, em seu discurso, marcas de subjetividade. “A emoção é um resultado da implicação do locutor no seu discurso. O engajamento emocional se faz acompanhar de uma tentativa de tocar o coração dos leitores/espectadores” (AMOSSY, 2017, p. 62) e apresenta, inexoravelmente, um funcionamento discursivo (PLANTIN, 2011). Em suma, é possível afirmar que a violência verbal e outras formas de emoção, marcadas linguisticamente nos discursos, são estratégias que visam, por meio da eliminação e do descrédito lançado ao Oponente e a sua tese, provocar a adesão de um Terceiro.

Culpeper (2011, p. 23) concebe a violência ou impolidez linguística como “uma atitude negativa para comportamentos específicos ocorrendo em contextos específicos”. Desse modo, Cunha (2019) aponta que a impolidez envolve a violação de “normas sociais de comportamento”, e o interactante que avalia o comportamento do outro como impolido vê-se na posição de alguém cuja face – “imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados” (GOFFMAN, 1967, p. 5) – foi ofendida. Cabral e Lima (2017) observam que as manifestações de violência parecem ser mais veementes nos contextos das mídias sociais. Nessa esteira, Cabral, Marquesi e Seara (2015) afirmam que, nesses contextos, os interactantes se escondem por detrás da máquina e de perfis *fakes*, o que lhes assegura a preservação da identidade e a ausência de risco de agressão física. Segundo essas autoras, as redes sociais dão aos usuários maior liberdade para expor pontos de vista polêmicos e, até mesmo, para agredir outros. Na mesma direção, Graham e Hardaker (2017) observam que o anonimato pode garantir a muitos usuários a possibilidade de serem mais sinceros e, por vezes, mais agressivos.

Como já apresentado acima, é objetivo deste artigo é estudar a polêmica em comentários do vídeo *Eju Orendive*, do grupo de *rap* indígena *Brô MC's*, postados no *Youtube*. Dentre os comentários realizados e as respostas a ele direcionadas, escolhemos, para análise, o comentário com mais engajamento, ou seja, o comentário que obteve maior número de respostas. Esse *corpus*, por sua vez, compõe o corpo deste artigo, por meio de imagens, de *prints* da tela do *Youtube*. A partir dessa materialidade, buscamos, então, desvelar como se constroem, nesse contexto, os aspectos da modalidade argumentativa polêmica, isto é, a *dicotomização*, a *polarização* e a *desqualificação*. Ademais, nos empenhamos em mostrar como, nesse caso, a desqualificação do discurso e da figura ou do grupo que representa o Oponente se desdobra em discursos (im)polidos e atravessados por violência verbal. Em outras palavras, a seguir, debruçamos esforços sobre as estratégias argumentativas e linguísticas, a desqualificação materializada em (im)polidez e violência/agressividade verbal (xingamentos, ironia e ameaça), utilizadas pelos usuários durante essa interação virtual.

A polêmica em comentários do videoclipe *Eju Orendive*

O *Youtube* é uma mídia social, fundada em 2005, que tem como funcionalidade principal o compartilhamento de vídeos gratuitos entre os usuários da rede. Os vídeos ali postados podem ser compartilhados em outras mídias sociais, bem como podem receber “likes” ou “dislikes”; essa mesma função, também, está disponível para os comentários. Os comentários³¹, por sua vez, dependendo dos temas que circulam pelo vídeo em questão, se tornam um espaço aberto para o debate em que os usuários expõem livremente seus posicionamentos. A partir do momento em que um comentário é postado, outras pessoas têm a opção de respondê-lo refutando ou defendendo a opinião que foi exposta. Nessa esteira, Amossy (2017) destaca que as redes sociais constituem a praça pública do século XXI. No entanto, nessa praça, de acordo com Cabral e Lima (2017), o que pauta as interações é mais o conflito do que a harmonia. Dessa forma, o *Youtube*, apesar de não ter como foco principal a discussão, tornou-se uma arena propícia à argumentação polêmica, em que um Proponente propõe uma tese que é atacada por um Oponente, diante de um auditório.

O *Youtube* se destaca por ter se tornado uma plataforma requisitada para o lançamento e para a divulgação de videoclipes de grandes nomes e de nomes em ascensão (KLICKPAGES, 2019). O videoclipe da música *Eju Orendive*, do grupo de *rap* indígena *Brô*

³¹ Por se tratar de um videoclipe de domínio público, essa pesquisa não foi submetida ao Comitê de Ética.

MC's, foi postado na mídia no dia 28 de setembro de 2010, no canal *Cufatvddos*. A produção (Captura de Tela 1 e Captura de Tela 2) é composta por imagens dos integrantes do *Brô* (Bruno Veron, Clemersom Batista, Kelvin Peixoto e Charlie Peixoto), da etnia Guarani-Kaiowá, vestidos à moda dos *rappers* americanos (com bonés, calças largas e camisetas), bebendo cerveja, pintando os rostos com urucum e cantando seus versos rimados sobre o cotidiano das aldeias que habitam, Jaguapirú e Bororó, localizadas na cidade de Dourados, oeste do Mato Grosso do Sul. As aldeias Jaguapirú e Bororó constituem um espaço interpelado por milícias, formadas pelos próprios indígenas, ataques de diversas ordens devido a questões de demarcação de terras e pela ausência da segurança pública. De acordo com levantamento da Procuradoria³² da República de Dourados, nessas terras, a taxa de homicídios foi de 101,1 por 100 mil habitantes, entre os anos de 2012 a 2014. No Brasil, a taxa média é de 29,2 homicídios por 100 mil habitantes

Captura de Tela 1



Fonte: Youtube, 2020.

Captura de Tela 2



Fonte: Youtube, 2020.

Isto posto, buscamos, a seguir, desvelar como a polêmica e os componentes que a constituem (polarização, dicotomização e desqualificação), em consonância com Amossy (2017), se constroem pelo comentário e pelas respostas escolhidas para a análise. Dessa forma, é nosso objetivo mostrar, tomando como ponto de partida essa materialidade linguística, a partir do conceito da dicotomização, como duas opiniões divergentes se excluem mutuamente. Enquanto isso, no tocante à polarização, trazendo à tona o funcionamento dos papéis da argumentação (PLANTIN, 2008), buscamos esboçar como se posicionam o Proponente e o Oponente, ou seja, delimitamos quais discursos o Proponente defende e o Oponente refuta. Seguindo esse caminho, esmiuçamos o motivo pelo qual os interactantes utilizam a desqualificação do discurso do adversário e da figura ou do grupo que o representa. Nesse sentido, mostramos como a (im)polidez e a violência verbal, em consonância com Culpeper (2008), por meio de ironia, palavrões, xingamentos e ameaça, são utilizadas, nesse contexto polêmico, como estratégias argumentativas e linguísticas, diante de um Terceiro.

Dito isso, analisando a materialidade linguística de *Eju Orendive*³³, é possível detectar discursos relacionados a religiões cristãs: “[...] Sempre peço a **Deus** / Que **ilumine** o seu caminho / E o meu caminho”; ao racismo: “[...] Você não consegue me olhar / E se me olha não consegue me ver / [...] Aquele boy passou por mim / Me olhando diferente”; à violência: “[...] Por que nós matamos e morremos? / Em cima desse fato a gente canta / Índio e índio se matando / Os brancos dando risada”; a um desejo por mudança e por equidade: “[...] Vamos

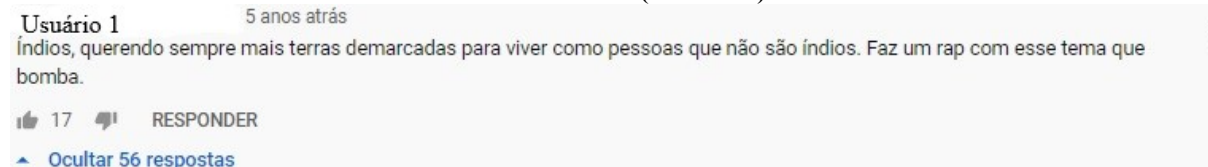
³² Referência processual na Justiça Federal de Dourados: 5000780-70.2017.4.03.6002.

³³ Devido à limitação de espaço, não incluiremos o anexo, com a letra integral da música.

mostrar para os brancos / Que não há diferença e podemos ser iguais”; e ao *rap* como experiência artística de resistência: “Aqui o meu *rap* não acabou / Aqui o meu *rap* está apenas começando / Eu faço por amor / Escute, faz favor”.

Os comentários que são aqui analisados foram publicados há 5 anos. Para desvelar como a modalidade argumentativa polêmica sobre eles se desdobra, utilizamos *prints* da tela do *Youtube*, e, por questões éticas da pesquisa, omitimos a identidade dos usuários. O comentário abaixo recebeu 17 *likes*, nenhum *dislike* e 56 respostas:

Print de Tela 1 (Excerto 1)

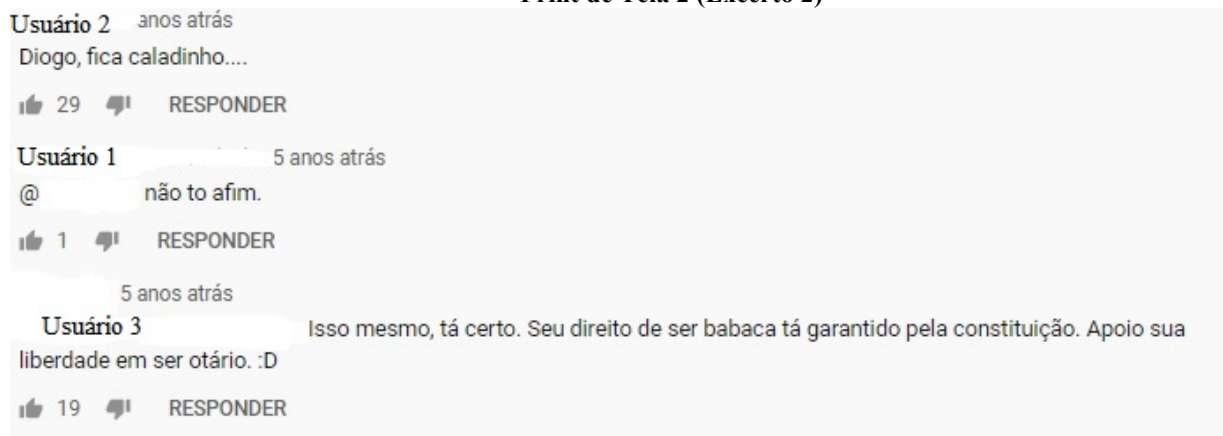


Fonte: Youtube, 2020.

A partir de então, mostramos como os usuários materializam suas opiniões caminhando para um cenário de dicotomização e de polarização, ou seja, para uma situação em que os pontos de vista se excluem e apontam para um “eu” diante de um “nós”. Dessa forma, para iniciar a análise, apontamos como o posicionamento do Proponente, aqui, também chamado de Usuário 1, é construído. Traçando esse caminho, a partir do comentário “Índios, querendo sempre mais terras demarcadas para viver como pessoas que não são índios. Faz um rap com esse tema bomba”, fica evidente que o Usuário 1 se posiciona, explicitamente, contra uma das questões centrais para os povos indígenas, que é a demarcação. Nesse sentido, ao afirmar que os indígenas querem terras para “viver como pessoas que não são índios”, o Usuário 1 desvela que sua opinião, extremamente racista, está atrelada a uma imagem cristalizada, estereotipada, acerca dessas identidades e, dessa forma, ele desconsidera “as trajetórias de violência outras que levaram, quase sempre de forma compulsória, as sociedades e os povos indígenas às suas formas de vida atuais” (NASCIMENTO, 2018, p. 1421).

As primeiras respostas, direcionadas ao Usuário 1 já confirmam, por sua vez, a insurgência de uma situação de oposição, ou seja, de dicotomização, característica imprescindível, de acordo com Amossy (2017), para a modalidade argumentativa polêmica. A dicotomização, aqui, por sua vez, aparece atrelada à desqualificação do discurso e da figura do outro, por meio da (im)polidez ou violência verbal, como mostramos a seguir, a partir do Excerto 2.

Print de Tela 2 (Excerto 2)

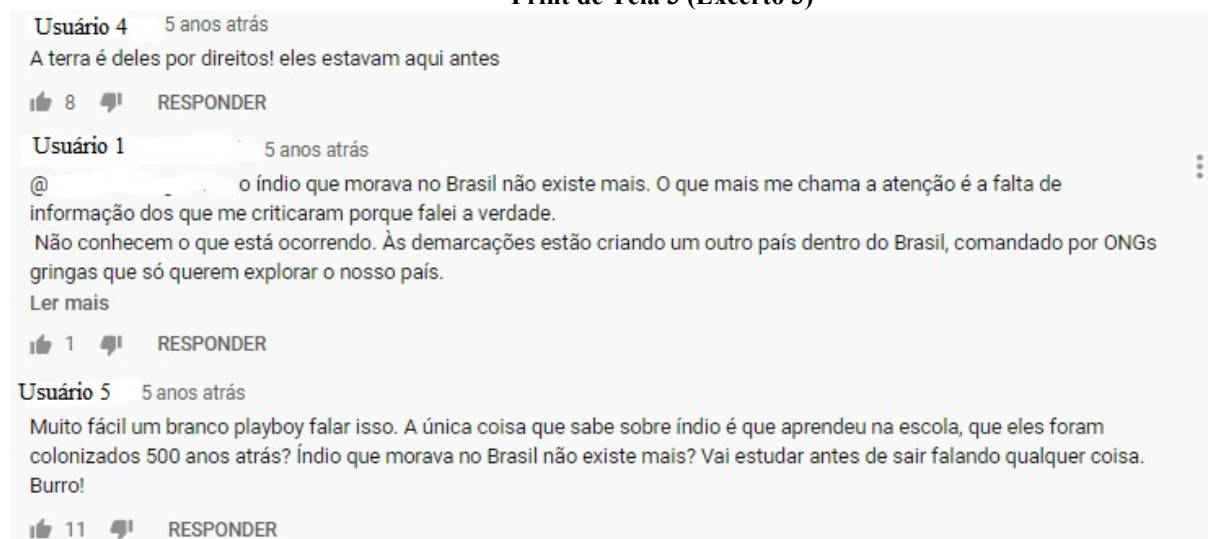


Fonte: Youtube, 2020

Na primeira resposta, “fica caladinho”, o conflito começa a ser delineado por meio da desqualificação, característica também essencial para a polêmica de acordo com Amossy (2017), direcionada ao Usuário 1 e ao seu argumento. O fato de o Usuário 1 ter respondido “não to afim” mostra, no entanto, que ele mantém a intenção de não aderir ao posicionamento do outro e, dessa forma, a dicotomização, ou seja, a presença de ideias antitéticas, começa a se constituir. Na resposta seguinte, a desqualificação é delineada pela (im)polidez, a partir de estratégias linguísticas, ou seja, a partir das escolhas lexicais pelos termos “babaca” e “otário”, por parte do Usuário 3, que imprimem à interação um caráter violento. Nesse momento, cabe aqui ressaltar que a (im)polidez verbal é uma estratégia utilizada pelo locutor para angariar a adesão do auditório, no entanto, ela não é obrigatória para a qualificação de dada modalidade argumentativa como polêmica (CULPEPER, 2011; AMOSSY, 2017). Esse movimento de adesão, porém, pode ser, inicialmente, desvelado a partir dos *likes* que a resposta recebeu, sendo que 19 usuários clicaram nessa opção. Ademais, considerando o que já foi exposto acerca da interação, é possível observar a transparência de uma situação polarizada, uma vez que o Usuário 1 compõe o campo Proponente, pois, diante dos discursos que circulam no vídeo, ele expõe sua tese e os Usuário 2 e Usuário 3 compõe o campo Oponente, pois responderam ao Usuário 1, apresentando uma posição contrária (PLANTIN, 2008).

Até esse momento, no entanto, o posicionamento do Oponente fora demonstrado de modo implícito por meio da desqualificação materializada em violência verbal. A tese oposta, que se apoia no fato de as terras indígenas serem deles um direito adquirido, começa a ser, efetivamente, discursivamente construída, a partir dos comentários a seguir:

Print de Tela 3 (Excerto 3)



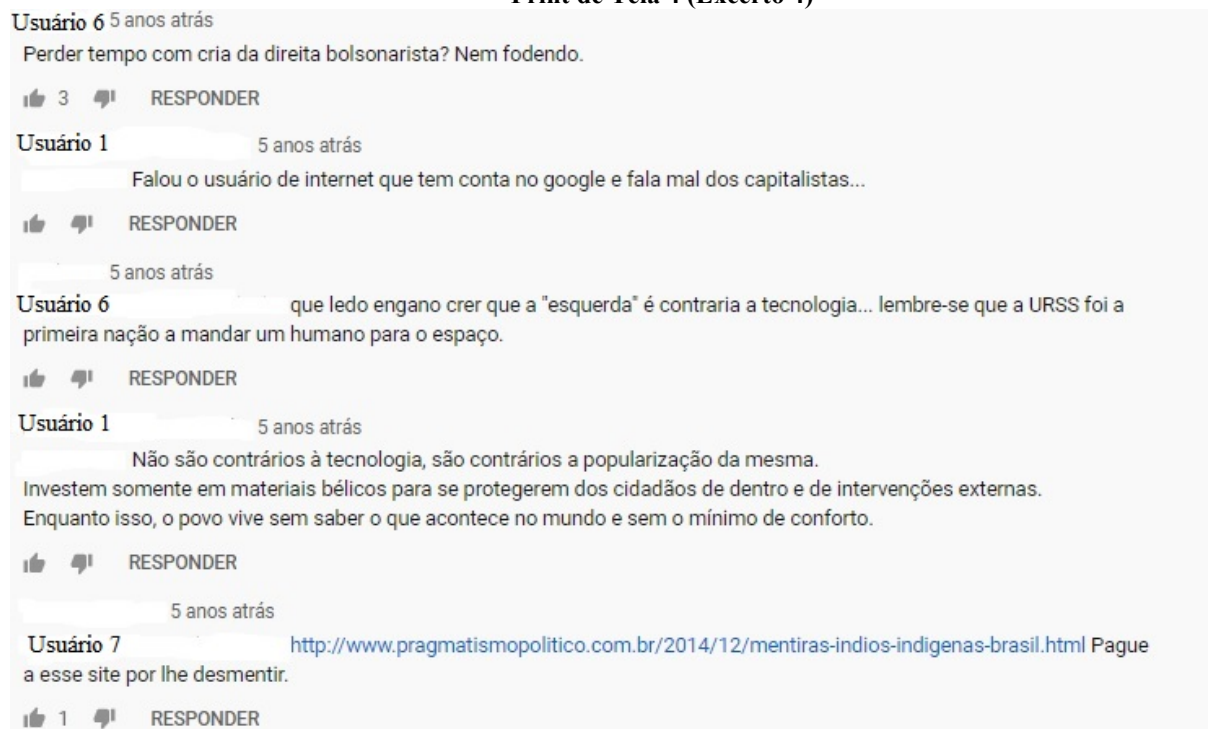
Fonte: Youtube, 2020.

No excerto 3, o Usuário 4, do campo Oponente, inicia a construção de uma tese contrária à do Usuário 1, ao apontar que a demarcação é um ato de reparação histórica, uma vez que os povos indígenas são os donos originários dessas terras (“A terra é deles por direitos! Eles estavam aqui antes”). O Usuário 1, por sua vez, destaca que a defesa de uma posição se dá em função da falta de informação, assim, desqualificando e descreditando a tese oposta (“O que mais chama a atenção é a falta de informação dos que me criticam porque falei a verdade”). Nesse momento, ao afirmar que as ONGs “gringas” se filiam à luta pela

demarcação, porque têm interesses econômicos relacionados à exploração das terras indígenas, ele lança mão de um discurso alinhado ao discurso da extrema direita, embasado em *fake news*, que começava a se inflamar pelo país (“As demarcações estão criando um outro país dentro do Brasil, comandado por ONGs gringas que só querem explorar nosso país”). Esses comentários foram realizados há 5 anos, em 2015, ano em que o pedido de *impeachment* da presidente Dilma Rouseff, filiada ao PT (Partido dos Trabalhadores), partido considerado de esquerda/centro-esquerda, foi acolhido pela Câmara dos Deputados. A partir de então, como assinalado por Amossy (2017), é possível perceber como a polêmica nos revela fatos sobre o contexto sócio-histórico de um momento específico em dado espaço físico.

O confronto direita vs. esquerda, também, veio à superfície nesse espaço discursivo, como é possível perceber nos comentários a seguir:

Print de Tela 4 (Excerto 4)



The screenshot shows a comment thread on a social media platform. It features five comments from different users, each with a 'RESPONDER' button and a thumbs-up icon. The comments are as follows:

- Usuário 6** (5 anos atrás): Perder tempo com cria da direita bolsonarista? Nem fodendo.
- Usuário 1** (5 anos atrás): Falou o usuário de internet que tem conta no google e fala mal dos capitalistas...
- Usuário 6** (5 anos atrás): que ledo engano crer que a "esquerda" é contraria a tecnologia... lembre-se que a URSS foi a primeira nação a mandar um humano para o espaço.
- Usuário 1** (5 anos atrás): Não são contrários à tecnologia, são contrários a popularização da mesma. Investem somente em materiais bélicos para se protegerem dos cidadãos de dentro e de intervenções externas. Enquanto isso, o povo vive sem saber o que acontece no mundo e sem o mínimo de conforto.
- Usuário 7** (5 anos atrás): <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/12/mentiras-indios-indigenas-brasil.html> Pague a esse site por lhe desmentir.

Fonte: Youtube, 2020

No Excerto 4, os Usuário 1 e Usuário 6 se posicionam imprimindo descrédito à opinião alheia, sendo que, para tanto, se utilizam do recurso argumentativo da desqualificação que, nesse caso, adquire as faces da (im)polidez e agressividade verbal que se materializa por meio dos recursos linguísticos do palavrão e da ironia. O Usuário 6, do campo Oponente, na tentativa desqualificar o Usuário 1, chama-o de “cria bolsonarista”, dando a entender que, de acordo com sua perspectiva, ser esse um motivo de desdém (“Perder tempo com cria bolsonarista? Nem fodendo”). Aqui, a opção pelo recurso linguístico do palavrão (*nem fodendo*) imprime o tom de (im)polidez à comunicação.

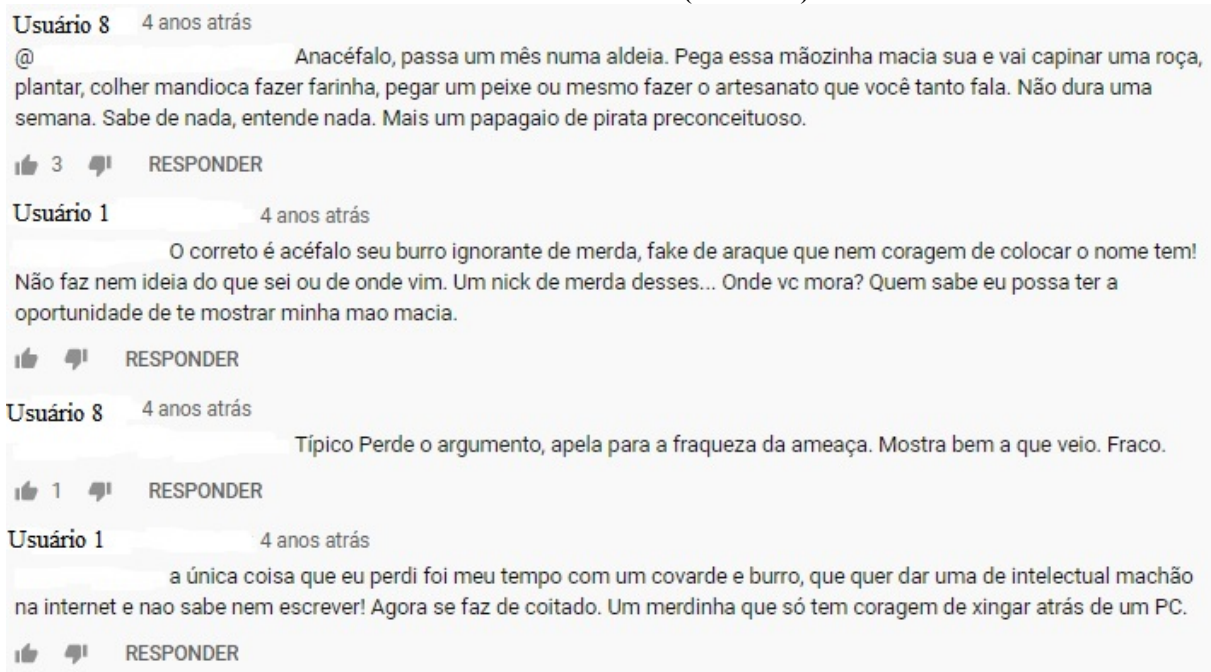
O Usuário 1, em resposta, elabora um argumento, debruçando-se no recurso da ironia, também muito empregado pela direita conservadora, que diz respeito ao fato de as pessoas de esquerda serem contraditórias por fazerem o uso da tecnologia (“Falou o usuário de internet que tem conta no Google e falam mal dos capitalistas...”). O raciocínio, por eles utilizado, é de que as pessoas de esquerda são socialistas e não devem usufruir da tecnologia que é uma ferramenta criada pelo capitalismo. Isto posto, o Usuário 7, do campo Oponente, surge no

55



espaço discursivo e utiliza como estratégia argumentativa a desqualificação da tese adversária por meio apresentação de fontes externas, apresentando um *link* do *site Pragmatismo Político*. Nesse caso, a ironia dá o tom de (im)polidez e evidencia que essa interação não é pacífica, mas, sim, agressiva, intolerante. Um não quer convencer o outro. Os interactantes virtuais buscam vencer uma “batalha”, diante de um Terceiro.

Print de Tela 5 (Excerto 5)



Usuário 8 4 anos atrás
@ Anacéfalo, passa um mês numa aldeia. Pega essa mãozinha macia sua e vai capinar uma roça, plantar, colher mandioca fazer farinha, pegar um peixe ou mesmo fazer o artesanato que você tanto fala. Não dura uma semana. Sabe de nada, entende nada. Mais um papagaio de pirata preconceituoso.
3 3 RESPONDER

Usuário 1 4 anos atrás
O correto é acéfalo seu burro ignorante de merda, fake de araque que nem coragem de colocar o nome tem! Não faz nem ideia do que sei ou de onde vim. Um nick de merda desses... Onde vc mora? Quem sabe eu possa ter a oportunidade de te mostrar minha mao macia.
1 3 RESPONDER

Usuário 8 4 anos atrás
Típico Perde o argumento, apela para a fraqueza da ameaça. Mostra bem a que veio. Fraco.
1 3 RESPONDER

Usuário 1 4 anos atrás
a única coisa que eu perdi foi meu tempo com um covarde e burro, que quer dar uma de intelectual machão na internet e nao sabe nem escrever! Agora se faz de coitado. Um merdinha que só tem coragem de xingar atrás de um PC.
1 3 RESPONDER

Fonte: Youtube, 2020.

No excerto 5, é possível observar mais uma vez a desqualificação materializada em (im)polidez em ação. O Usuário 8, no início de sua exposição, se refere ao seu opositor chamando-o de “anácefalo” e, dessa forma, além de atingir o outro, ele atinge também a tese adversária, dando a entender que somente uma pessoa sem cérebro defenderia esse posicionamento. O Usuário 1, em resposta, caminha pelas mesmas trilhas e desqualifica a imagem do Oponente ao se expressar de maneira (im)polida e agressiva, utilizando uma expressão pejorativa: “burro ignorante de merda”. Ademais, ainda nessa seara, ele acusa o Oponente de se esconder por trás de um perfil *fake*. Dito isso, ele faz o uso da estratégia da correção gramatical/ortográfica para desqualificar a tese oposta e, para endossar o descrédito, ele finaliza a resposta fazendo uma ameaça velada ao adversário (“O correto é acéfalo seu burro ignorante de merda, fake de araque que nem coragem de colocar o nome tem! [...] Um nick de merda desses... Onde vc mora? Quem sabe eu possa ter a oportunidade de te mostrar minha mao macia”).

O Usuário 8, diante desse cenário de impolidez linguística e ameaça, revela que a violência verbal é inerente a pessoas fracas que precisam atacar as outras, diante da escassez de argumentos. (“Típico Perde o argumento, apela para a fraqueza da ameaça. Mostra bem a que veio. Fraco”). Isto posto, o Usuário 1, irredutível diante de seu posicionamento, se empenha mais uma vez em desqualificar o usuário por meio de palavras com sentido pejorativo e palavrão como “burro” e “merdinha” e da expressão “machão da internet”.

A partir de então, é possível perceber que os dois grupos polarizados – de um lado, aqueles que legitimam o *rap* indígena como uma arte de resistência, os considerados de esquerda, e, do outro, os usuários de direita, que, por meio de discursos preconceituosos e

baseados em estereótipos, deslegitimam os direitos desses povos – se empenham na construção de argumentos opostos, interpelados por (im)polidez linguística, aqui, materializada em palavrões, ironias e ameaça, porém não chegam a um consenso, pois a preferência por esses recursos tem como alvo a adesão do auditório.

Considerações finais

A modalidade polêmica, proposta por Amossy (2017), se caracteriza pela presença da dicotomização, da polarização e da desqualificação, diante de uma situação conflitual de debate. Nessa situação, a exposição de argumentos e de contra argumentos, por parte dos interactantes, não tem como objetivo final um acordo, mas, sim, a adesão de um Terceiro, ou seja, a adesão de um auditório (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005). A partir da materialidade linguística analisada, ou seja, do *corpus* em questão, percebemos que os participantes dessa interação, na construção de seus posicionamentos, diante de um Terceiro, lançam mão de estratégias argumentativas e linguísticas como a desqualificação por meio da (im)polidez ou da agressividade verbal, que ganham forma por meio de palavrões, xingamentos, ironia e ameaça, como tentamos mostrar na análise apresentada.

Tendo em vista as características da modalidade argumentativa polêmica, Cunha (2019, p. 7) ressalta que, nesse caso, o “comportamento violento ou impolido exerce funções importantes, não devendo ser entendido como uma degenerescência da interação ou como uma ruptura irracional de acordos, contratos ou quadros que subjazem à interação” (COSER, 1982; LOCHER; BOUSFIELD, 2008). Ademais, para Cabral e Lima (2017), a violência constitui uma estratégia eficaz quando a intenção do locutor é desqualificar o interlocutor. Essas autoras destacam, apoiando-se em Culpeper (2011), a importância de palavras de sentido pejorativo, palavras de baixo calão, entre outras aparecerem de forma marcada no discurso dos interactantes. A violência se dá, portanto, pela linguagem, o que endossa o posicionamento de Culpeper (2011) e de Cabral e Lima (2017) a respeito da marcação linguística da impolidez, principalmente, nas redes sociais, onde as interações se dão, em maioria, por meio da linguagem verbal.

Referências

AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. Tradução: Rosalie Botelho Wakim Souza Pinto [et al]. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olimpio Oliviera. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.1, p. 129 – 144, nov. 2011.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

CABRAL, A. L.T.; MARQUESI, S. C.; SEARA, I. R. L’articulation entre le descriptif et les émotions dans l’argumentation en faveur de Dominique Strauss-Kahn. In: A. RABATEL; MONTE and RODRIGUES (eds.), **Comment les médias parlent des émotions l’Affaire**



Nafissatou Diallo contre Dominique Strauss-Kahn. Limoges, Lambert-Lucas, 2015. p. 307-323.

CABRAL, A.L.T.; LIMA, N.V. Argumentação e polêmica nas redes sociais: o papel de violência verbal. **Signo**, 42(73):86-97, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17058/signo> Acesso em: 3 dez. 2021.

CABRAL, A.L.T.; LIMA, N.V. Interações conflituosas e violência verbal nas redes sociais: polêmica em comentários no Facebook. **Revista (Con) Textos Linguísticos** (Edição Especial Violência Verbal), v. 12 n. 22 (2018), p. 39-58. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/20626> Acesso em: 3 dez. 2021.

CABRAL, M. S. A. **O social irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia.** Rio de Janeiro: Cortez, 1992.

CHANG, Jeff. **Can't Stop Won't Stop: A History of the Hip-Hop Generation.** Picador USA; Edição: First, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. **Le discours politique les masques du pouvoir.** Limoges: Lambert-Lucas, 2014.

COSER, Lewis. A. **Les fonctions du conflit social.** Paris: Presses Universitaires de France, 1982.

CULPEPER, Jonathan. Reflections on impoliteness, relational work and power. In: BOUSFIELD, Derek; LOCHER, Miriam (eds). **Impoliteness in Language.** Berlin, NY, Mouton de Gruyter, 2011, p. 17-44.

CUNHA, G. Ximenes. Estratégias de impolidez como propriedades definidoras de interações polêmicas. **D.E.L.T.A.**, 35-2, 2019 (1-28), 2019.

DASCAL, Marcelo. Dichotomies and types of debate. In: F. H. van Eemeren; B. Garssen (Org.). **Controversy and Confrontation: Relating Controversy Analysis with Argumentation Theory.** Amsterdam: John Benjamins, 2008, p. 27-50.

DECLERCQ, Gilles. Rhétorique et polemique. In: _____; MURAT, Michel; DANGEL, Jacqueline (eds.) **La Parole polemique.** Paris: Champion, 2003, p. 17-21.

GOFFMAN, Erving. On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. In: _____. **Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior.** New York: Pantheon Books, 1967, p. 5-45.

GRÁCIO, Rui. **Vocabulário crítico de argumentação.** Coimbra: Grácio Editor, 2013.

GRAHAM, S.L.; HARDAKER, C. (Im)politeness in digital communication. In: J. CULPEPER; M. HAUGH; D. Z. KÁDÁR. **The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness.** London: Palgrave Macmillan, 2017, p. 785-814.



KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação:** princípios e métodos. São Paulo: Parábola, 2006.

KLICKPAGES. **Monetização no Youtube:** como ganhar dinheiro com algo que você já faz de graça (ou, pelo menos, deveria), 2019. Disponível em: <https://blog.klickpages.com.br/monetizacao-no-youtube/> Acesso em: 17 fev. 2020.

LOCHER, Miriam A.; BOUSFIELD, Derek. Introduction: impoliteness and power in language. In: _____ (Orgs.). **Impoliteness in language:** studies on its interplay with power in theory and practice. Berlim: Mouton de Gruyter, 2008.

MOURA, Clóvis. **Dialética radical do Brasil Negro.** São Paulo: Editora Anita Ltda., 2004.

NASCIMENTO, A. M. “Se o índio for original”: a negação da coetaneidade como condição para uma indianidade autêntica. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n (57.3): 1413-1442, set/dez., 2018.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação:** a nova retórica. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLANTIN, Christian. **A argumentação:** história, teorias, perspectivas. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Les bonnes raisons des émotions – principes et méthode pour l'étude du discours émotionné.** Peter Lang, Sciences pour la communication, Berne, 2011.

_____. **Dictionnaire de l'argumentation – une introduction aux études d'argumentation.** Lyon: ENS Éditions, 2016.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Setembro, 2005, p. 227-278.

SILVA, Daniela Fernandes Gomes da. **O Som da Diáspora.** A influência da lack music americana na black music paulistana. São Paulo: [s.n.], 2013.

SOUZA, Ana Raquel Motta de. **A Favela de influência:** uma análise das práticas discursivas dos Racionais MC's. Campinas, SP: [s.n.], 2005.

[Recebido: 22 jul 2020 – Aceito: 19 set 2020]